

JULIANO MOREIRA
(06/01/1872 – 1933)



PROFESSOR SUBSTITUTO DE CLÍNICA PSIQUIÁTRICA

Juliano Moreira nasceu no dia 6 de janeiro de 1872, na Freguesia da Sé, no centro de Salvador, Bahia (MEMORIAL, 2007), filho de Galdina Joaquina do Amaral e de Manuel do Carmo Moreira Junior. Seu pai era inspetor de iluminação pública e sua mãe trabalhava como doméstica na casa do médico e Professor Adriano Lima Gordilho, o Barão de Itapuã. O Barão, catedrático de Obstetrícia da FAMEB, logo o tomou como afilhado e garantiu os seus estudos no Colégio Pedro II e depois no Liceu Provincial (PEIXOTO, 1933; PASSOS, 1975).

Precoce, Juliano Moreira (JM) ingressou em 1886, extraordinariamente, aos 14 anos de idade, na Faculdade de Medicina da Bahia, da qual tornou-se, se não o mais novo, um dos mais novos professores por concurso da FAMEB, aos 23 anos de idade. Em 1887, Juliano Moreira estava matriculado no 2º ano do curso médico, com 15 anos (FMB.UFBA.CAIXA N. 340, 1887). Ainda como acadêmico do 5º ano, em 1890, Juliano foi aprovado em concurso para Interno da Clínica Dermatológica e Sifilográfica. Em 1891, ele se formou e teve sua tese inaugural “*Etiologia da Syphilis Maligna Precoce*” aprovada com louvor. Essa obra é não só uma referência no campo da dermatologia, mas também um marco no estudo da questão racial dentro da ciência e um preâmbulo do constante questionamento de Juliano sobre as desigualdades raciais da época (ODA, 2000). Neste trabalho, ele questiona sobre a conceituação racial do ser humano: “Quantas são as raças? Onde termina a raça branca? Onde começa a amarela? Onde acaba? Onde começa a preta? [...]” (MOREIRA apud JACOBINA, 2007), num tempo em que muitos médicos e outros estudiosos consideravam a raça negra inferior e a miscigenação causa de variadas doenças, inclusive da loucura.

Em 1894, torna-se Assistente da cadeira de Clínica Psiquiátrica e de Doenças Nervosas, quando inicia a sua jornada pelas doenças mentais. Em 15 de setembro do mesmo ano, após concurso, é nomeado Preparador de Anatomia médico-cirúrgica da FMB e o preparo para tal concurso o levou à publicação, em 1893, de sua primeira obra fora da Bahia: “Músculo Acrômio-clavicular”, publicada na revista *Brasil Médico*. Neste mesmo ano, no mês de novembro, é um dos responsáveis pela fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia (PEIXOTO, 1933; PASSOS, 1975).

No ano seguinte, em 1895, JM participou da comissão que elaborou um relatório crítico sobre o Asilo São João de Deus, o qual, em 1936, passaria a levar o seu nome: Hospital Juliano Moreira (JACOBINA, 2001). Neste relatório, a comissão sugeriu a criação de um novo asilo concordante com a clínica psiquiátrica da época. Em meados deste ano, ele é o primeiro no país a descrever o botão endêmico ou “botão de Biskra” no Brasil, chamado hoje de leishmaniose cutâneo-mucosa (Leishmaniose Tegumentar Americana). O primeiro trabalho de JM publicado fora do Brasil também é pioneiro na Dermatologia: sua descrição de uma dermatose rara, a *Hydroa Vacciniforme*, foi publicada pelo *British Journal of Dermatology* em 1895. Foram dele também os primeiros exames microscópicos feitos entre nós de casos de Micetoma (aspergiloma pulmonar). Além disso, realizou o estudo anatomopatológico mais completo até hoje sobre *Ainhum* (Doença de Silva Lima), sendo esta monografia publicada em alemão e foi um dos trabalhos feitos por brasileiros mais citados por estrangeiros na época (JACOBINA, 2008).

Mais tarde, em 1896, Juliano se candidata a Lente Substituto da 12ª seção, a cadeira de Moléstias Mentais e Nervosas, com a tese *Discinesias arsenicaes*, e fica em 1º lugar, após a obtenção de 15 notas máximas. As provas contaram com a presença de diversos estudantes sob a liderança dos sextanistas, com destaque para Afrânio Peixoto, que temiam uma decisão tendenciosa devido à banca examinadora ter fama de racista.

Foi então, aos 23 anos, que JM tornou-se professor concursado da Faculdade de Medicina da Bahia. Esta nova atribuição de Juliano o faz viajar muito pela Europa, onde participava de importantes congressos, tanto da área de dermatologia, com a qual ainda mantinha um vínculo, como também os de psiquiatria. Em 1900, participou do Congresso Médico Internacional em Paris. Ano seguinte, mesmo ausente, foi eleito Presidente de Honra do IV Congresso Internacional de Assistência aos Alienados em Berlim. Representou a medicina brasileira no Congresso Médico de Lisboa (MEMORIAL, 2007; VENÂNCIO, 2005).

No início do século XX, ele se tornou o principal redator da Gazeta Médica da Bahia, principal publicação médica da Bahia e uma das mais importantes do Brasil, onde produziu inúmeros textos de resenha, artigos e editoriais (JACOBINA & GELMAN, 2008).

Em 1903, após muitas viagens e contatos feitos na capital federal, Rio de Janeiro, Juliano foi nomeado, em 25 de março, Diretor do Hospital Nacional de Alienados. A partir daí, sua vida passou a ser mais ativa na capital do país. Uma das suas atitudes que chamaram muito a atenção foi que, pouco depois de assumir o cargo de diretor do Hospital, ele desistiu da sala destinada à direção, no segundo andar, e fez de uma saleta no térreo o seu gabinete, à esquerda da entrada principal do prédio, sempre de portas abertas, onde atendia a todos que o procuravam, sem agendamento ou hora marcada (PASSOS, 1975).

Ele foi responsável por diversas transformações no modelo de atenção psiquiátrica da época no Brasil. Até então, o Brasil fazia uma simples reprodução da atenção psiquiátrica da escola francesa, sem levar em consideração as diferenças culturais. Juliano Moreira iniciou então uma reforma deste modelo, criando um modelo de atenção mais humano e adequado às características culturais do Brasil do início do século XX. Ele retirou as grades das janelas das enfermarias; aboliu os coletes e as camisas de força; criou o Pavilhão Seabra (amplo prédio que abrigava diversos equipamentos trazidos da Europa que auxiliavam no funcionamento de oficinas de ferreiro, bombeiro, mecânica elétrica, carpintaria, marcenaria, tipografia e encadernação, sapataria, colchoaria, vassouraria e pintura), onde os assistidos realizavam atividades que auxiliavam em sua recuperação e lhes traziam alguma renda; passou a implantar a música nos corredores do hospital como terapêutica; tornou o hospital um centro cultural, trazendo professores, cientistas e trabalhadores e implantou oficinas artísticas antecipando-se à, posteriormente criada, terapia ocupacional. Albert Einstein, em visita ao Brasil em 1925, quebrou o protocolo e aceitou o convite de JM, que o recebeu em discurso na Academia Brasileira de Ciências, para ir ao Hospital Nacional, e ficou encantado com essas oficinas terapêuticas para os alienados (JACOBINA, 2008)

Em 1905, ao lado de Afrânio Peixoto e outros colegas, ele fundou os Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins. No ano seguinte, instalou a seção de laboratório no hospital, dando início às primeiras *punções lombares* e aos

primeiros exames *citológicos de líquido céfalo-raquidiano para fins diagnósticos* em casos de *tabes dorsalis*, demência paralítica, sífilis cerebral e meningites várias.

Em Lisboa, representou o Brasil no Congresso de Medicina de Portugal, criando amizade com o Professor Júlio Xavier de Matos, fundador do ensino oficial de Psiquiatria em Portugal. Em 1907, na cidade de Milão, no Congresso de Assistência a Alienados, foi eleito Presidente Honorário e indicado pela maioria dos congressistas para ser o orador na sessão de encerramento. Neste mesmo ano, ele também passou a fazer parte do Instituto Internacional para o Estudo da Etiologia e Profilaxia das Doenças Mentais. Representou, em 1909, o Brasil, no Comitê Internacional contra a Epilepsia em Viena. Logo depois, na Inglaterra, participou da Assembleia Geral da *Royal-Medical Psychological Association* de Londres, onde foi eleito um dos quinze membros correspondentes no mundo (PEIXOTO, 1933; PASSOS, 1975).

A Revista *Psychiatrische, Neurologische Wochenschrift* (nº. 27), de 03 de outubro de 1910, publicou a galeria dos proeminentes psiquiatras em todo o mundo. Somente Juliano Moreira representou as Américas (PEIXOTO, 1933; PASSOS, 1975).

Desde 1913, passou a representar o Brasil no Comitê Internacional da Liga Internacional contra a Epilepsia. Naquele período, foi realizado o Congresso Jubilar da *Société de Médecine Mentale* da Bélgica, em que foi aclamado juntamente com Dupré e Lepine (franceses) e Mott (inglês) membros honorários daquela Sociedade.

No ano de 1918, foi membro organizador do Congresso Internacional de Medicina em Budapeste para tratar da questão das doenças mentais e nervosas produzidas pela arteriosclerose. Participou da conferência Internacional para o estudo da Lepra na Noruega, recebendo do sábio leprólogo Hansen (que batiza o nome da doença no Brasil) a incumbência de tratar da questão das doenças mentais nos leprosos, sendo posteriormente publicados seus estudos no *Zeitschrift fur Psychiatrie* na Alemanha.

Outra realização pioneira de Juliano Moreira foi conseguir apoio do governo para implantar, em 1921, o primeiro Manicômio Judiciário do continente americano. Chegando a 1922, foi eleito membro correspondente da Liga de Higiene Mental de Paris e do Comitê Internacional de Redação da *folia neurológica*, um importante órgão de Amsterdã para estudos de biologia do sistema nervoso. Presidiu os Congressos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal de 1906 a 1922 e foi Presidente de Honra da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Nacional de Medicina.

Devido a sua conduta ética, moral, seu incansável trabalho e suas associações com as diversas áreas do conhecimento, foi eleito membro de diversas organizações tais

como a *Medico-Legal Society* de Nova York; Sociedade de Neurologia de Buenos Aires; Sociedade de Psiquiatria de Buenos Aires; *Antropologische Gesellschaft* de Munich; *Société de Médecine* de Paris; *Société de Pathologie Exotique*; *Société Clinique de France*; *Société Clinique de Médecine Mentale*; Liga de Defesa Nacional; Liga de Higiene Mental; *American Academic of Political and Social Science*; *Société Medico-Psychologique* de Paris; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Academia de Letras da Bahia; Instituto Brasileiro de Ciências (VENÂNCIO, 2005;ARGOLO e cols., 2012).

Em julho de 1928, começou uma longa viagem visitando cidades do Oriente como Tóquio, Kioto, Sendai, Hokaído, Osaka e Funoko. Em solenidade no anfiteatro do Diário Nishi-Nishi, recebeu a insígnia da “Ordem do Tesouro Sagrado” entregue pelo Imperador do Japão e destinada aos “consagrados da ciência mundial”. Isto devido também à sua intensiva luta contra o preconceito e a discriminação, que a este ponto da história, era também direcionada aos imigrantes sino-japoneses que desembarcavam no Brasil, sofrendo diversos tipos de preconceitos, sendo inclusive chamados de “ameaça amarela”. Depois, seguiu para a Europa, onde se tornou membro honorário da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria de Berlim, da Sociedade Médica de Munique e da Cruz Vermelha Alemã. Em Hamburgo, é eleito membro da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria, onde lhe é conferido, pela Universidade local, a Medalha de Ouro, a mais alta honraria prestada a professor estrangeiro.

Em 1929, já muito debilitado devido à tuberculose crônica, preside, no Rio de Janeiro, a Conferência Internacional de Psiquiatria e, em oito de dezembro de 1930, com as mudanças políticas, foi destituído da direção do hospital e aposentado.

No dia 2 de maio de 1933, num Sanatório em Correias, no interior do Rio de Janeiro, o baiano Juliano Moreira deixa escapar o último suspiro, mas, encantado, deixou para o mundo uma obra imorredoura.



Em 2002, a FAMEB criou o Prêmio Prof. Juliano Moreira para o Formando com Destaque nas atividades de Extensão Universitária.

Albert Einstein é recepcionado por Juliano Moreira e equipe no Hospital Nacional de Alienados. Rio de Janeiro, 1925. **Fonte:** Revista Pesquisa FAPESP (n.124, jun. 2006, p. 10).



Juliano Moreira é condecorado pela Universidade de Hamburgo. Alemanha, 1928.

Fotos: Acervo da Prof.^a Maria de Fátima Vianna de Vasconcelos (RJ)

Leituras recomendadas

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Da dermatologia à psiquiatria: vida e obra de Juliano Moreira na Bahia. In: PONDÉ, Milena Pereira; LIMA, Manoela Garcia; ASSIS-FILHO, Bernardo. *A Tensão na Atenção. Anais da XII Jornada Nordestina de Psiquiatria*. Salvador: Associação Psiquiátrica da Bahia, 2008.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1077-1097, out.-dez. 2008.

MEMORIAL Professor Juliano Moreira. *Juliano Moreira: O mestre / A instituição*. Salvador: Empresa Gráfica do Estado da Bahia; Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 2007.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, Campinas, v. 22, n. 4, p. 178-9, 2000.

PASSOS, Alexandre. *Juliano Moreira (vida e obra)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.

PEIXOTO, Afrânio. Um sábio mestre e amigo. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, v. 23, p. 179-196, 1933.

VENANCIO, Ana Teresa A. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n. 36, 2005.

Referências

- ARGOLO, Lucas Santos; ALMEIDA, Daniel Gomes; MELLO, Rodrigo Paixão; LUESKA, Átila; LEITE, Sérgio Roberto Santiago. “Juliano Moreira”. In: MATUTINO, Adriana Reis Brandão; CORREIA, Fernanda Ramos; JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *Faculdade de Medicina da Bahia: 200 anos de Pioneirismo*. Salvador, Edufba, 2012 (no prelo).
- FMB.UFBA. CAIXA N. 340. Arquivo Geral da FMB-UFBA – Matrículas. Salvador, 1887.
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947)*. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001. 481f.
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Da dermatologia à psiquiatria: vida e obra de Juliano Moreira na Bahia. In: PONDÉ, Milena Pereira; LIMA, Manoela Garcia; ASSIS-FILHO, Bernardo. *A Tensão na Atenção. Anais da XII Jornada Nordestina de Psiquiatria*. Salvador: Associação Psiquiátrica da Bahia, 2008.
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Nem clima nem raça: a visão médico-social do acadêmico Juliano Moreira sobre a “Sífilis maligna precoce” em sua tese inaugural na FMB. Salvador, 2007 (mimeo).
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1077-1097, out.-dez. 2008.
- MEMORIAL Professor Juliano Moreira. *Juliano Moreira: O mestre / A instituição*. Salvador: Empresa Gráfica do Estado da Bahia; Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 2007.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, Campinas, v. 22, n. 4, p. 178-9, 2000.
- PASSOS, Alexandre. *Juliano Moreira (vida e obra)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.
- PEIXOTO, Afrânio. Um sábio mestre e amigo. *Arquivos Brasileiros de Medicina*, v. 23, p. 179-196, 1933.
- VENANCIO, Ana Teresa A. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 36, 2005.